

O BATE ESTRADAS

Informativo do NANAMUE

Grupo Nacala-Nampula-Mueda & Outros

Nº 30 Ano 5 Fevereiro / Março 2007



**ALMOÇO CONVÍVIO
31 DE MARÇO DE 2007
COMEMORAÇÃO DOS 30 ANOS
14/04/1977 – 14/04/2007**

EDITORIAL

Mais um sucesso com o almoço convívio na Companhia das Lezírias, em Alcochete, e a simples organização do Zé Vera, fez parecer as coisas mais fáceis e bonitas. Conseguimos juntar ao nosso Grupo mais uns elementos especialmente “antigos” que andavam arredados destas coisas e que tivemos o grato prazer de receber e ficámos com certeza de que também eles ficaram “clientes”. Houve menino que veio de propósito de Coimbra a Alcochete, isto é raça NANAMUE.

A Assembleia-geral da AEFA, fez luz sobre alguns pontos necessários a que a mesma se estabilize e sirva os interesses de todos os Associados. O nosso Zé Luís ficou, encarregue da proposta de alterações dos estatutos, o que já deveria ter sido executado faz tempo (mas é sempre tempo de emendar o que não está bem), vamos ajudar no que pudermos. O nosso Zé Gomes teve parte bastante activa na referida Assembleia, colocando assuntos pertinentes à discussão e dos quais somos inteiramente solidários e que tudo faremos em termos de Grupo para a sua colocação em activo.

Vamos todos trabalhar para que a Associação seja melhor e melhor sirva o interesse dos Associados. Nós enquanto Grupo, somos alguma pouca coisa, mas em termos de Associação temos a possibilidade de ser uma grande coisa, é esse o nosso objectivo.

Tudo foi feito para alterar o dia do nosso Convívio de 31 de Março, mas foi de todo impossível, pois só tardiamente tivemos conhecimento de que a Associação fará a comemoração dos seus 30 anos no mesmo dia. Não houve possibilidade de troca e assim, com pena nossa, vamos em frente até VISEU.

As nossas saudações e até 31 DE MARÇO EM VISEU

O GUARDA DO COFRE

Foi mais um convívio maravilhoso e tudo feito sob a supervisão do Zé Vera, para que as coisas fossem o melhor possível, e assim foi: convívio e alimentação de alta categoria.

Mais um bocadinho, uma fatia muito pequena foi cortada ao saldo negativo, mas lá vai o correio e a tipografia levar o que tinha entrado no cofre, vamos ver se o 31 de Março em Viseu dá uma ajuda, pois tantas coisas queremos fazer, mas sem “caroço”, nada feito.

AJUDEM a minorar o saldo negativo, contamos com a ajuda. Não deixem terminar o que tanto tem custado a construir.

Movimento	Receita	Despesa	Saldo
Saldo Anterior			-760,70 NEGATIVO
Lucro Almoço Alcochete, incluindo ofertas	92,00		
Diversas Ofertas entre 08/01/07 e 02/03/07	112,00		
Tipografia		100,00	
Selos 29º Informativo		265,20	
Novo Saldo			-921,90 NEGATIVO

CONVIVIO 31 DE MARÇO EM VISEU

SAIDA DE ESPOSENDE PELAS 08.00 HORAS, PASSANDO EM PORTO E COIMBRA EM AUTOCARRO 40,00 P/PESSOA
CONTACTAR FERREIRA 966780711

SAIDA DE LISBOA PELAS 07,30 HORAS, PORTA DA FEIRA POPULAR, PASSANDO EM VILA FRANCA, TORRES NOVAS E MAIS O NECESSÁRIO 40,00 P/PESSOA

DESLOCAÇÃO EM TRANSPORTE PROPRIO 30,00 P/PESSOA

VEM COM ALEGRIA E COM A TUA MULHER TAMBÉM.
VAMOS TER A COMPANHIA DOS NOSSOS CAMARADAS DE NOVA FREIXO/VILA CABRAL E ASSIM SEREMOS TODOS MAIS FELIZES.



AS AVENTURAS DO XEKA

Regressava de um dos meus habituais passeios pela mata, sozinho, caçadeira e o charro de suruma. Ao atravessar uma machamba de milho e pepinos, aproveitei a ausência do proprietário e surripiei-lhe alguns desses legumes pontiagudos.

Chegado ao AM, convidei o meu amigo “PINDUKA”, para uma boa salada regada com Mateus Rose.

Depois de 2 ou 3 destas botijas cor-de-rosa, de que se lembrou o puto do Pinduka.

O 3368 esteve em revisão e precisava de voo de experiência. Lá fomos para o ar. Acrobacias de arrepiar cabelos, rapadas a cortar erva e coitado do alferes P.A. a quem avistamos lá do alto, de arma ao ombro. O puto obrigou-o a mergulhar na lama duas vezes e quando chegou ao AM morto de medo e sem fôlego de tanto correr. Até senti o vento da hélice nas costas, gaguejava ele.

Que saudades do meu amigo “PINDUKA”... Morreu a fazer aquilo que mais gostava... “voar”.

As aventuras que tive com ele!

Bem-haja!

Moisés (Xeka)

A MAQUINA DO TEMPO

ELE HÁ DIAS DE SORTE!

Mueda, lá para o fim de 1973! Mais um destacamento de 15 dias. Foi decidido ir fazer uma operação na base hospital¹ Nampula! Só que desta vez não haveria colocação de tropa. Era uma operação independente e esta era, para nós aviadores, a operação mais apetecível. Permitia-nos operar à vontade, sem outras limitações que as que nós mesmos nos impúnhamos.

Tanto o Major Tomé (comandante do AM51) como o Rochinha², comandante da esquadra 502 (T6 e DO-27), iam largar uns quantos exemplares dos existentes no nosso paiol de armamento, pois não tinham sido utilizadas até então. O objectivo era logo ali junto a Miteda na encosta descendo para o rio Messalo, fronteira sul da província de Cabo Delgado.

Pessoalmente iria ter a oportunidade de operar o canhão de 20 mm sem ter que me preocupar, nem com a condução dos helicópteros transportadores nem com a tropa no chão e muito menos com os fragmentos do armamento que ia ser utilizado como adiante se compreenderá.

Toda a nossa atenção, (o meu atirador o Zé Luís não estaria menos atento!) iria estar virada para a missão de fogo.

Mas para melhorar as coisas a operação era também de carácter muito doméstico! O mesmo era dizer... sem ninguém a pretender tirar dividendos da dita operação.

Uma parelha de T-6 e um heli-canhão, era tudo quanto bastava!

Total da força empenhada... Quatro aviadores – três pilotos e um atirador - !

O conceito era simples. Descolaríamos juntos dada a curta distancia ao objectivo, a pequena diferença de velocidades e a não existência de fragmentos nos rebentamentos das bombas. Os T6 iriam utilizar bombas de fósforo recentemente adquiridas, mas das quais não se conheciam, nem características nem as limitações que a sua largada impunha.

¹ Hospital era a designação “oficial” dada pela Frelimo aquele quartel bem ali nas faldas do planalto, a não mais que 10 minutos de voo de Mueda

² Designação que dávamos ao amigo e senhor Tem. General Pilav Fernando Rocha

Porque não havia estilhaços, admitíamos que podíamos entrar no objectivo com poucos segundos de diferença.

Os T-6, após os passes, saíam de cena, por desnecessária a sua presença. O canhão actuaria numa intervenção que se queria curta mas intensa. Passado o tempo do efeito surpresa, permanecer à vertical poria em perigo a nossa integridade física. Não se podia esquecer que estávamos em zona de guerrilheiros macondes.

Com a aproximação ao objectivo sem intervalo de segurança, iríamos apanhar de surpresa, segundo supúnhamos, aquele quartel militar disfarçado de hospital, já que para eles o ruído de aeronaves não constituía um verdadeiro alarme dada a proximidade a que se encontravam de Mueda e a frequência de descolagens e aterragens que se verificavam a toda a hora.

Para melhor compreensão do título desta narração cabe aqui lembrar algumas características da arma que equipava o Al. III no apoio às operações. O canhão MG151 de 20 mm era fixado num estrado metálico adaptado ao helicóptero e virado para o lado esquerdo do sentido do voo, com o cano saindo pela porta traseira do lado esquerdo, que se recolhia para o efeito. Era imediatamente identificado pelo pessoal em terra, sendo operado por um atirador (em Mueda, normalmente um mecânico de armamento) sentado atrás do piloto. O canhão, alimentado por uma caixa blindada com 200 munições transportadas ao longo de uma fita metálica, tinha uma cadência de 600 tiros por minuto³. O disparo, podia ser eléctrico ou manual. As munições, autênticas granadas explosivas incendiárias, tinham um terrível poder destruidor. Por segurança de fabrico “armavam” por inércia, ou seja, o disparo que propulsionava o projectil e imprimia-lhe determinada velocidade inicial, após o que explodia ao simples impacto com uma qualquer folha de árvore. Podemos facilmente concluir que, um helicóptero assim armado, para além de ser uma arma devastadora para o adversário, era pela contrária, um verdadeiro barril de pólvora ao lado do qual a tripulação se sentava. Após esta nota voltemos à operação.

Os T6 alinharam e descolaram e de imediato entrei na pista indo para o ar “rolado”. Consistia esta forma de descolar em apoiar boa parte da corrida da descolagem na roda de nariz. Era uma descolagem operacional que poupava a turbina evitando a aplicação de potência máxima.

- Formiga no ar e à vista!

- Click! Click! Foi a resposta do Tigre 1, premindo o botão de rádio para emitir aquele som de “entendido” tão conhecido na aviação.

Cerca de cinco minutos após a descolagem soa no rádio:

- Objectivo à vista! Tigre 2 ligar armamento!

- Tigre 2! Foi a resposta confirmando a ordem.⁴

Sigo com a vista o voo dos Tigres em formação alargada e o chefe inicia uma picada.

- Um dentro.

Após curto silêncio rádio ouviu-se:

- Um fora!

E em simultâneo...

- Dois dentro!

E repentinamente num tom de voz fora do normal...

- Tigre 2 aborta, aborta, aborta! Gritava o Tigre 1.

- Tigre dois aborta!

Com uma calma desconcertante, em que se adivinhava uma enorme frustração e após uma curta pausa volta a transmitir:

- Tigre 2 fora e com o nº 1 à vista!

³ Ou seja, 10 tiros/seg! Convém no entanto dizer que os atiradores eram instruídos para disparar sempre que possível em manual por uma questão de economia, já que este tipo de munição era muito dispendiosa. Por outro lado sempre que a ameaça o permitia utilizava-se apenas a espingarda

⁴ A confirmação de informações importantes via rádio, obrigava a que fosse respondida com o indicativo, para haver a certeza por parte do chefe, de que tinha sido recebida pelo elemento certo da formação.

E de imediato o aviso para o canhão:

- “Formiga”... Tigre 2! Há muitos a refugiarem-se nas pedras e armados!

Pela mesma via dei o habitual entendido premindo o botão do rádio:

- Click! Click!

Não sabia o que se tinha passado mas algo levou o Tigre 1 a ordenar a interrupção do bombardeamento ao nº 2. Algo de grave se tinha passado. Soube após aterragem que por falta de informações técnicas sobre o modo de utilização do armamento, não tinham sido respeitados os parâmetros para largada, o que levou o Tigre 1, a sofrer um afundamento violento motivado pela rarefacção brusca do ar por efeito da explosão. Por precaução ordenou o cancelamento do nº 2, pretendendo assim evitar um efeito duplicador.

Tinha reduzido um pouco a velocidade para dar espaçamento, assistia em aproximação ao bombardeamento do nº 1.

Nem queria acreditar no que estava a ver! Estas imagens afastaram do meu pensamento a preocupação que aquela informação, normalmente, me traria.

Fazer a descrição das explosões das bombas de fósforo no meio do arvoredo é coisa que não consigo traduzir bem por palavras. Foi algo que nunca mais se apagou da minha memória. Os arcos intensamente brancos e luminosos daquela substância (fósforo) que se elevavam no ar, largando pingos de fogo no seu percurso ascendente, lembravam-me fogo de artifício. Os “foguetes de lágrimas”. Era isso, aqueles pingos eram lágrimas! Mesmo de dia ainda assim a luminosidade era intensa.⁵

Passados que foram estes breves segundos daquele “espectáculo” belo e horrível, logo fui chamado à realidade pela interferência.

- Pronto! Diz o Zé Luís.

E recordei também o aviso do Tigre 2!

Estava prestes a entrar no objectivo e o nível de adrenalina tinha subido ao máximo. Faltava agora o cheiro da pólvora para adormecer os sentidos⁶.

Entrei circulando pela esquerda e pude ainda ver alguns “retardatários”, arma debaixo do braço, procurando abrigo.

O Zé Luís estava autorizado a abrir fogo logo que entendesse e assim aconteceu. Um quantas rajadas curtas de três, quatro tiros a entrar, para ganhar superioridade no local e inicia-se a conversa curta (mais monólogo do Zé Luís) entre ambos para localizar alvos:

- Faça 360!⁷

E antes que tivesse terminado pranchei pela esquerda bem apertado. O Zé Luís não gritava. Falava rápido mas calmo! E continuou:

- Debaixo daquela pedra!

Localizada, alarguei um pouco a volta para lhe dar posição de tiro e quando a tenho à vista constata-se que alguém já não cabia lá dentro! O suficiente para adivinhar que seria bastante mais profundo. Três tiros e ali estava terminado! Continuamos para o próximo! Um tiro aqui outro ali para manter o respeito até que ouvi rajadas de Kalash.⁸ No meio de um ambiente de calor intenso, uma sensação de frio percorreu a minha coluna.

- Estamos a ser abonados!

Estavam a vir da esquerda! E como reacção iniciei um pranchamento para o lado contrário dos tiros. Mas a voz do Zé Luís, soa nos auscultadores:

- Localizados! Vai rajada para lá!

⁵ Mais tarde estas imagens voltaram a estar bem presentes na minha memória como algo “dejá vu”, aquando das imagens largamente divulgadas do acidente à descolagem do Space Shuttle.

⁶ Não sei se é científico, mas diz-se que o cheiro da pólvora actua como uma droga provocando uma agressividade não usual.

⁷ Significando que queria que voltasse pela esquerda 360º para ir ao ponto anterior

⁸ A Kalashnikov era a arma mais utilizada na guerrilha com um som que não é fácil esquecer nem confundir.

Isto interrompeu o movimento de fuga instintiva e reiniciei a volta pela esquerda, mas um pouco mais larga. Como não obtive do atirador pedido de correcção para a trajetória, mantive o ângulo de pranchamento.

Foi uma rajada comprida porque ele não tinha noção perfeita da localização do adversário no terreno.

Mas face à ameaça concordei que era a melhor solução! Talvez tenha sido esta rajada comprida a causa do que a seguir se passou.

Aconteceu o que já se vinha verificando com alguma frequência em operações anteriores e que tanto me irritava! **O canhão tinha encravado!**

Perante a situação e porque tínhamos feito fogo com alguma intensidade, aproveitaria para arrefecer um pouco o cano do canhão, afastando-me prudentemente uma ou duas centenas de metros para passar a circular com alguma segurança, enquanto o Zé Luís tentava reparar a avaria.

Retirou a fita de munições, desarmou a culatra queixando-se das mãos por causa da temperatura.

Tudo isto feito com rapidez que a situação impunha. Aproveitei a pausa para informar os tigres do sucedido. Estava com problemas com o canhão! Estava com uma avaria mas que a operação decorria sem outros problemas.

E acrescentei que daria mais duas ou três voltas no objectivo após o que regressaria. Pedi ainda que se mantivessem em escuta até que reportasse fora da zona!

- Assim faremos!

Foi a resposta do Tigre 1 que para o efeito teriam que ficar em voo durante mais alguns minutos. Era a segurança e a solidariedade a funcionarem.

Avaria aparentemente resolvida o atirador informa de novo que vai ficar pronto. Não há tempo a perder pois cada segundo em cima do objectivo sem manter a pressão, é tempo que se virava contra nós!

E dentro do segundo seguinte, aconteceu algo que não se consegue compreender para quem alguma vez operou um canhão MG151.

Ouvi o som metálico do movimento de puxar a culatra atrás e de imediato aconteceu uma explosão dentro do heli!

Entendi que tínhamos sido atingidos, e quando olhei para trás e vi o atirador agarrado à cabeça sangrando deixei de ter dúvidas.

Iniciei uma volta de evasão do local num rumo que nestas situações não precisava de ser calculado! Rumo... “fora dali” em direcção a “casa”!

Pensei o pior. Apalpei-me mentalmente (faltou sempre uma mão a um piloto de helicóptero em acção!) mas parecia-me estar tudo bem pois nada me doía. Pelo menos ia conseguir chegar à base.

A tampa da culatra estava levantada, significando que estava desarmado, mas o que era pior, sem atirador, que sangrava.

Sem dar tempo para perguntar o que se tinha passado a explicação, breve, veio de seguida.

Uma munição tinha explodido à entrada da câmara (teoricamente impossível) e a explosão tinha aberto violentamente a tampa da culatra que por sua vez embateu na cabeça.

Estava bem, mas sangrava e se eu entendesse, podíamos continuar.

Percorre-me um arrepio pelo corpo ao ouvir isto! Tudo isto dito sem alterar o tom de voz e como se estivesse apenas a contar-me uma banalidade.

Porque eu estava bem mais excitado, dados os breves segundos de angustia de não saber o que se tinha passado, gritei alguns impropérios próprios destas situações e com mais calma avisei os Tigres que tinha decidido dar por terminada a missão.

- Tigres..., Formiga abandona a zona e regressa a Mike Delta.⁹

E no segundo seguinte:

- Mike Delta, Tigres aterragem!

Foi uma resposta à minha informação de que regressava, numa clara postura de disciplina rádio.

⁹ Mike Delta era o “call sign” de Mueda. Com esta simples comunicação o Tigre 1 pedia instruções de aterragem à torre de controlo, informava-me que tinha recebido a minha decisão de sair da zona e implicitamente que aguardaria pelo “debriefing” para se saber o que tinha acontecido no desenrolar da missão que me obrigou a regressar

Saí voando baixo bem junto à copa das árvores no rumo inverso ao da aproximação para evitar subir para o planalto não perdendo assim velocidade nesse percurso que seria mais seguro mas que nos exporia durante mais tempo aos tiros das armas ligeiras.

Voei neste rumo até atingir a direcção do topo sul da pista e daí rumar a Mueda.

Pelo caminho tentando saber qual o estado físico do atirador e falando sobre o acontecido, concluímos que só podia ter sido a elevada temperatura que a câmara de introdução tinha atingido! E só então compreendi a sorte que tínhamos tido. A munição, aquando da introdução, explodiu já completamente dentro do cano dada a sua elevada temperatura. Se o rebentamento da munição tivesse acontecido no contacto com a mesa transportadora teríamos explodido juntamente com a caixa de 200 munições e para a história ficaria termos sido abatidos pelos guerrilheiros.

Teria sido um acidente devido às mais diversas causas... mas por certo nunca ninguém haveria de concluir pela verdadeira! Uma explosão que teoricamente não podia ter acontecido!

Estou crente que esta historia lida hoje por um técnico de armamento e que conheça a munição em causa, porá por certo algumas reservas ao que aconteceu. Também eu não sei as razões. Só suposições!

Mas em boa verdade, uma coisa é certa...

Há dias de sorte!

33 Anos Depois FORMIGA
Gen. Queiroga

SITE NA INTERNET

O Abdul prometeu e cumpriu.

Já temos um sítio na Internet para consulta de tantas coisas que nos são queridas.

Não guardes para amanhã o que vais gostar de ver hoje, por isso liga-te a:

www.esquadra503.com

NANAMUE NA INTERNET

Mais um trabalho enorme do Abdul Osman e aí temos o Nanamue com sítio na Internet, que deves visitar em **www.nanamue.com**. Vai ao nosso bocadinho e revive um pouco das nossas coisinhas boas e que estão sempre presente, só que às vezes não nos lembramos.

DESCONTOS PARA TI

A VD MÁQUINAS Rua Dr. José Leite Vasconcelos, 7 em Setúbal Tel. 265539380 Fax 265539389, em máquinas e ferramentas aumenta unicamente 5% ao preço de custo de grossista. Se a encomenda for para envio apenas tens de pagar mais os portes.

A PNEULINDA LDA. Av Carolina Michaelis 18 A em Linda a Velha. Tel. 214194404 Fax 214198765, em pneus de todas as marcas faz preço de custo. Se a encomenda for para envio apenas tens de pagar mais os portes.

A SAVAUTO Autos e acessórios usados Quinta do Carmo, 4 B em Sacavém Tel. 219416314 Tlm. 919354089 (Raul Silva – Acelera), faz desconto de 50% em peças usadas e preço especial em viaturas usadas. Se a encomenda for para envio apenas tens de pagar mais os portes.

A ALMAQUE LDA. Rua dos Três Concelhos 16 em Penalva 2835-613 Barreiro (do António Carapinha, MMT), Tel. 212138112 Fax 212131033 Tlm 966038794, comercializa: Empilhadores, Porta paletes e Máquinas industriais, fazendo o desconto de 3% em equipamentos novos e 10% nos usados.

NA ALM AUTOMATISMOS E PORTAS SECCIONADAS, com sede em Fuzeta 4730-461 VILA DE PRADO (do Álvaro Martins) Tel./Fax 253927453 Tlm 938350868 podes obter diversos descontos, de acordo com os serviços solicitados.

A FUTURISTA DE CASCAIS LDA (do António Garcia) Trata de toda a documentação de condutores e automóveis – Inspeções médicas – Av. República 1439 loja 5 Terraços da Parede 2775-275 Parede Tel./Fax 214574619.

CARL, ARTES GRAFICAS, com sede em Bairro da Castelhana, Rua 18 de Janeiro, lote 275 S. João da Talha (Carlos Lourenço), diversos descontos em trabalhos gráficos e envelopagem. Tel. 219558515 / 935082605.

Se a tua Firma pode colaborar em descontos para a rapaziada, coloca aqui o teu anuncio grátis, do qual todos ficaremos agradecidos.

**Redacção: Av. Carolina Michaelis 18 A 2795-048 Linda-a-velha
Tel./Fax 214198765**